

FÉ CEGA, FACA AMOLADA

Na velha casa da Rua Júlio Cardoso onde moramos no centro de Franca (e que hoje só existe na memória de quem a viveu), havia duas entradas, a social e a de serviço, que era pela copa, acessada por uma escada e um pequeno corredor. Era por essa porta que minha mãe, atarefada com a preparação do almoço, costumava atender quem apertava a campainha. E, para susto do incauto, ela abria a porta e aparecia com uma faca de cortar bife nas mãos (o tradicional “bifão do Olavo”, meu irmão que exigia o bife condimentado com bastante pimenta do reino e alho). De vez em quando, quem aparecia na minha casa para cobrar as inserções publicitárias do curtume que meu pai autorizava publicar na revista “O mensageiro de Santa Rita” era frei Custódio, responsável pela parte econômica da publicação católica e pela captação de anúncios que mantinham a periodicidade da revista. Por isso, ele era conhecido nas rodas da Praça Barão da Franca e pelo pessoal da indústria de calçados como “frei facadinha”. Ao menos lá em casa, quando ele aparecia para cobrar, dava empate em termos de faca.

Isso para dizer que, como se dizia antigamente e gosta de repetir o Rolando Boldrin, nosso vizinho de São Joaquim da Barra, algumas das mais “lindas letras do nosso cancionário popular” trazem a faca em primeiro lugar.

A começar por uma das minhas prediletas, a tropicalista “Domingo no parque” do genial Gilberto Gil, que quase ganhou o melhor dos festivais da TV Record em 1967. A letra com um pé no concretismo traz os versos acompanhados pelos Mutantes “olha a faca (olha a faca), olha o sangue na mão, É José, Juliana no chão”. Outro gênio da música popular brasileira, o mineiro de Três Pontas Milton Nascimento inventou esses versos com o gume afiado “Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser faca amolada, O brilho cego de paixão e fé, faca amolada”, a letra de “Fé cega, faca amolada” com a participação do Beto Guedes.

Mas, em minha opinião, a mais bela das letras com facas é do cearense Belchior, que nos deixou cedo. “Palo seco” traz versos magistrais como “Sei que assim falando pensas que esse desespero é moda em 76, e eu quero é que esse canto torto feito faca, corte a carne de vocês, e eu quero é que esse canto torto feito faca, corte a carne de vocês”.

Enfim, a faca tem “dois legumes”, como dizia um ex-presidente do Corinthians. Mas enquanto a mídia golpista e seus “jornalistas” continuam tentando convencer que a “justiça” brasileira e as instituições estão funcionando normalmente, só um lado da balança tem peso. O estado de exceção é perceptível, mas tentam escondê-lo sob a capa de uma pretensa “legalidade” e “imparcialidade”.

A realidade é outra, mais turva e violenta, que nem o bordão de um comediante num antigo programa humorístico da Globo (olha a faca!) consegue escamotear. A fé cega nas armas e na violência como instrumento político pregada por um e usada por outro desequilibrado mostra sua verdadeira face e atinge diretamente quem defende seu uso. O caminho para o verdadeiro desenvolvimento social é outro, muito diferente. Por isso, votarei 13, em Haddad-Manuela, com fé que o país poderá ser melhor e a faca amolada só sirva para fazer bifés.

Mauro Ferreira é arquiteto